

A entrevista em grupo: formas de desocultar representações e práticas de trabalho social nas escolas

Ana Maria Vieira e Ricardo Vieira

Centro de Investigação Identidades e Diversidades/Instituto Politécnico de Leiria (Portugal)

Palavras-chave: Mediação escolar, mediação sócio-cultural, representações e práticas de trabalho social, entrevista etnográfica, entrevista em grupo, *focus group*.

Nesta comunicação apresentar-se-á parte de uma pesquisa em curso sobre o trabalho social feito nas escolas, quer por parte de educadores sociais e assistentes sociais, quer por parte de professores que estão sensibilizados e preparados para fazer mediação escolar e a articulação entre a cultura hegemónica da escola e as dos alunos que a ela chegam.

Para o efeito, socorrer-nos-emos dum trabalho etnográfico e, em particular, de narrativas de professores de duas escolas do concelho de Leiria que têm sido paradigmáticas na construção de práticas pedagógicas e sociais de como lidar com a diferença, a desigualdade e os problemas da sociedade contemporânea que se espelham na “escola para todos”.

Dedica-se uma especial atenção à análise de uma entrevista em grupo (*focus group*)

para confrontar pontos de vista. A partir de extractos das vozes dos sujeitos implicados nessa entrevista em grupo, avaliar-se-á da eficácia desta metodologia etnográfica e do valor heurístico da mesma para confrontar representações e práticas de trabalho social em escolas. Este tipo de entrevista, gravada em áudio e em vídeo, permite apurar melhor os olhares consonantes e dissonantes sobre a emergência e legitimação de novos profissionais dentro das escolas hoje, cada vez mais, um microcosmos da sociedade global.

This paper presents part of an ongoing research project about social work carried out in schools by social educators and social workers and by teachers that are aware and prepared to do school mediation, and the relationship between the dominant school culture and that of the pupils who go there.

In order to do this, we resorted to ethnographic work, and, in particular, teacher narratives from two schools in the district of Leiria which have been

exemplary in constructing pedagogical and social practices in how to deal with difference, inequality and the problems of contemporary society which are reflected in “school is for everyone”.

Special attention was given to the analysis of a group interview (focus group) so as to compare points of view. Taking the voices of the subjects involved in this group interview as its starting point, the efficiency of this ethnographic methodology and its heuristic value to compare representations and practices of social work in schools is evaluated. This type of interview, both audio and video recorded, facilitates the discovery of harmonious and dissonant observations concerning the emergence and legitimisation of new professionals within schools, which are increasingly becoming microcosms of global society.

1- O FOCUS-GRUPO

A entrevista aberta e etnográfica, porque as questões colocadas pelo entrevistador partem do mundo do entrevistado (Caria, 2003) e, concretamente, do âmbito das próprias respostas surgidas em ambiente de conversa (Burguess, 1997), põe a tónica na interacção permitindo desocultar e aceder a interpretações e a uma auto hermenêutica (Casal, 1996; Vieira, 2006; Josso, 2002) fica, contudo, contrastada apenas entre inquiridor e inquirido. Para ir mais além, para ampliar os contrastes, quer dizer, o confronto entre uma maior heterogeneidade de pontos de vista sobre uma mesma problemática, o focus grupo (FG), ou a entrevista em grupo, surge como uma via complementar e amplificadora, quer da redescoberta de si e dos outros, quer da (trans)formação pessoal e profissional que o confronto de ideias proporciona e promove. (Souza, 2004; Josso 2002; Vieira, 2003; Vieira, 2006).

A técnica do FG ganhou um ímpeto relevante a partir dos anos 80, “impulsionado pela pesquisa de mercado que, resgatando procedimentos clássicos das ciências sociais, das áreas da psicologia e serviço social, conjugados às «modernas» tecnologias e paradigmas de *Bussiness, Marketing* e Mídia, reelaborou-a com o objectivo de captar os anseios dos consumidores, definindo padrões a serem seguidos pelas empresas em seus futuros lançamentos” (Neto, O. C; Moreira, M. R.; Sucena, L. F., 2002). Contudo, o FG remonta pelo menos aos anos 40 do século passado e está bem presente nos trabalhos de Merton, que, já há alguns anos defendia que as perguntas fechadas nem sempre proporcionavam respostas exactas. Merton dizia que os resultados das pesquisas poderiam ser influenciados, ainda que de forma involuntária, pela própria construção do questionário, que limitava o entrevistado nas suas próprias respostas. “[...] A convite de Paul Lazarsfeld para o ajudar na sua tabela de respostas da audiência de programas de rádio, aplica o primeiro *focus group* que teve lugar no *Office of rádio research at Columbia University* em 1941, facto que o faz ser considerado, unanimemente por parte da comunidade científica, “o pai” do *focus group*. “. (Galego, C.; Gomes, A., 2005: 174).

Outros autores, de ascendência mais psicológica, remetem o FG mais para os “grupos terapêuticos” que buscam a passagem do explícito para o implícito com o objectivo de o clarificar e explicitar com uma metodologia dialéctica que permite a produção do conhecimento (Pichon-Rivière, 1998). Neste âmbito, as origens são remetidas para os anos de 1950 e ligadas a indicações terapêuticas e educativas. Contudo, seja de influência mais sociológica, educativa ou psicológica, o FG é hoje uma técnica qualitativa de recolha de dados em franco desenvolvimento, cuja finalidade principal é extrair das atitudes e respostas dos participantes do grupo representações, opiniões, reacções e sentimentos que se constituem num novo conhecimento para os próprios participantes (autoformação) e, para o próprio investigador. É qualquer coisa como uma reacção em que 1 e 1 é igual a 3 como diz Vieira, (1999 b; 2006) na medida em que da interacção surgem dimensões novas proporcionadas pela entrevista em grupo.

Segundo Saumure (2001), a entrevista em grupo é usada em 4 áreas: 1 - pesquisa de mercado; 2 – investigação científica; 3 – investigação *non profite*; 4 – investigação-acção participante. As FG inscrevem-se num paradigma qualitativo de investigação, neste trabalho aplicadas à compreensão do trabalho social nas escolas e inspiram-se nas entrevistas não directivas. “Privilegia a observação e o registo de experiências e reacções dos indivíduos participativos no grupo, que não seriam possíveis de captar por outros métodos, como por exemplo, a observação participante, as entrevistas individuais ou questionários (Galego e Gomes, 2005: 177).

2- O CONFRONTO DE IDEIAS

As questões avançadas pelo investigador ou pelo moderador/mediador/investigador participante devem promover o debate entre os participantes sem forçar respostas conducentes a consensos ou a discórdias. As discórdias, contudo, surgem, muitas vezes, com o uso da metodologia das FG mesmo que as vozes dos interlocutores não as denunciem. No caso concreto da minha utilização, elas foram gravadas em vídeo e áudio com o consentimento dos sujeitos. Depois de transcritas, pude observar como as

vozes não permitiam descodificar aquilo que enquanto observadora/investigadora, descortinei no desenvolvimento das entrevistas em grupo e que confirmei com a posterior análise do videograma produzido. A título de exemplo, adiantamos alguns extractos que põem em confronto uma psicóloga e duas professoras que de alguma forma lideram projectos de mediação escolar em duas escolas diferenciadas mas em que as palavras, só por si, não mostram as discórdias que têm entre si.

Sou responsável e criei há muitos anos atrás um projecto chamado: “O melhor do mundo são as crianças”, uma parceria com a pediatria do hospital de Santo André. Eu menti, porque disse ao médico a quem apresentei isto, “eu quero que o senhor atenda crianças que venham de famílias que não as cuidam em termos de saúde e, portanto, quero que me garanta três consultas por mês para estas crianças cujos pais não ligam à saúde dos seus filhos nem cuidam disso”, e depois graças à DREC, e, também, na altura ao CAE, hoje, CEL, conseguimos, eles davam-nos isso e nós o que é que damos?! Damos, neste momento, dois professores e um educador para acompanharem as crianças adolescentes no serviço de pediatria, de todo o distrito que ficam em internamento. Bom, mas eu menti, quando eu me lembrei de fazer isto, o meu objectivo era que as crianças que fossem à consulta de pediatria atrapalhadas com a vida, porque as famílias estão atrapalhadas com a vida, fossem objecto de investigação por parte das fantásticas assistentes sociais, como chamavam na altura, do hospital. O que eu queria era isso, era lá ir e, de facto, em muitos casos consegui e vou conseguindo, porque elas são, de facto, pessoas fantásticas. Mas não me chega e, mais tarde criei uma outra coisa, tive uma turma de meninos complicados, de meninos fantásticos, cheios de capacidades, para vos dizer nesse ano dei a matemática partindo daquilo que era a prática deles, roubavam bicicletas e motos, desmontavam-nas, portanto, uma decomposição em peças e vendiam com uma margem de lucro. Bom, tinha de dar matemática, não é?! E, então foi por aí, primeiro peguei por ali, depois toca a avaliar a correcção da situação. Bom, mas foi muito bom. Com isto então, eu tive de escrever histórias feitas à medida daquelas necessidades dos alunos, e pronto, esses alunos partiram e felizmente alguns bem e eu sinto-me bem com isso.

[...] nós precisamos mais de um técnico de serviço social do que de um psicólogo. Eu peço imensa desculpa, porque temos a noção exacta e isto, eu tenho uma janela de observação de trinta anos e nisto há muita observação e existem crianças que precisam de psicólogos porque não tiveram atrás delas uma boa estratégia de intervenção social. E, portanto, é assim, considero um técnico de serviço social como um recurso valioso de mais para ser na minha escola acessório e porquê? Porque acho que sem o seu trabalho, aquilo que sabe fazer e o seu empenho, eu não vou conseguir combater o sucesso escolar dos meus alunos e, daí o insucesso escolar. (Prof.^a C)

Assim, de repente, acho que fiquei de chinelos [risos]. Efectivamente, nós também precisamos de técnicos de serviço social... Não faz sentido estarmos numa escola a funcionar em espaços diferentes, há que haver interacção do espaço, mas isto acaba por ser discutir o óbvio. ... nós temos estado aqui a discutir coisas que se discutem há anos! Mudanças...vêm-se poucas. Ainda há pouco quando a professora. C dizia que a escola sabe a questão problemática do aluno, da família e que a escola vai ao encontro de fazer, eu penso mais que... a escola vai ao encontro do pensar e do pensar ao fazer vai uma grande distância, precisamente pela pouca relação entre os vários técnicos, entre a equipa... Curiosamente, também quando me fizeram este convite eu olhei para o tema e confesso que fiquei um bocado de boca aberta, “trabalho social nas escolas, prós e contras”?! Fiquei a pensar nos contras, a única coisa que me veio à cabeça é que efectivamente o único contra que há é ...é não haver mais prós ... tanta coisa que há para fazer. Já foi dito, quando se discutem estes sistemas de relação...que, efectivamente, só há muito pouco, e muito poucos anos, existe uma interacção. Quando há pouco a professora C quando

disse, “desculpem os psicólogos mas eu preciso de um técnico de serviço social”, quer dizer, nós precisamos todos uns dos outros. (P)

Quando nós na escola conseguimos reunir professores que estão preocupados com a área académica e também estão preocupados com as pessoas que vivem nos alunos deles, psicólogos que estão preocupados com as questões na área da psicologia, técnicos de serviço social ou outros tipos de técnicos de intervenção social que estão preocupados em ver e fazer valer os direitos daquela criança, daquela família na escola, quando nós conseguimos juntar todas estas condições, de certeza absoluta que nós conseguimos perspectivar um caminho e definir alguma linha de intervenção que seja consensual e, que seja como hoje se diz sistémica. [...]

Nós precisamos dum conjunto de profissionais que trabalhem, que trabalhem a par e passo, e que, quando não existem na escola, se vão buscar à comunidade, mas se trazem à escola. A escola na minha opinião e na opinião deste projecto, tem de ser o centro das decisões, não é andar de um lado para o outro, não é ir à comissão, não é ir a...é alguém ir à escola, porque lá é que os meninos estão e, lá é que é possível avaliar e fazer as tais reuniões consequentes. O que é que se fez? Fez-se isto... quem vai fazer o antes... agora o que acontece passado um mês? O que é que acontece passado um tempo? Portanto, no fundo avaliar e acompanhar.

E, para isso, nós precisamos de um maior número de técnicos ou pelo menos de um maior número de visões possíveis, porque, todas elas são poucas para nós entendermos o que é que é esta coisa da criança! [...] (ME)

Nestes extractos, se considerarmos apenas as vozes *per se*, podemos concluir que são usados caminhos diferentes para atingir o objectivo de mediação escolar. Há diferentes olhares mas não é visível o conflito latente. Contudo, olhando hoje o diário de campo e os registos de observação participante que os permitem memorizar o contexto vivido no âmbito desta entrevista em grupo, percebe-se que a linguagem do corpo desmente, de alguma forma, esta interpretação (Bogdan e Biklen, 1994; Fast, 1984; Hall, 1994). Vista e revista a filmagem realizada, pode perceber-se como as respostas de umas às outras parecem incluir animosidade e às vezes parecem mesmo ser formas de guerrear o projecto que diz respeito ao outro.

“Logicamente, algumas opiniões causam mais impacto e polémica que outras, gerando reacções que ora convergem, ora divergem. O importante é que todos tenham possibilidades equânimes de apresentar suas concepções e que elas sejam discutidas e refinadas” (Neto, O. C.; Moreira, M. R.; Sucena, L. F., 2002: 6).

3- OS PARTICIPANTES

Para realizar o FG no âmbito da minha pesquisa para o doutoramento, pôs-se a tónica primeiro na selecção dos participantes, procurando, por um lado, indivíduos com características e/ou projectos comuns e, por outro, assegurar o equilíbrio entre a identidade e a diversidade do grupo (Galego e Gomes, 2005).

O objectivo primeiro era ver até que ponto, pessoas já entrevistadas anteriormente relativamente ao seu papel em projectos de educação social e mediação escolar, alteravam discursos e formas de argumentação, ou não, quando interpelados não só pelo mediador que foi o moderador da sessão, mas também pelo olhar e pelas respostas, afirmações e/ou discórdias dos restantes intervenientes.

Como esta pesquisa se insere no descortinar o que fazem e como fazem as escolas hoje o trabalho social, como procuram resolver os problemas sociais emergentes, a partir de trabalho de campo com observação directa participante, análise documental e entrevistas em profundidade com os actores mais implicados neste processo, e porque a literatura sugere que um FG seja composto por um número entre 6 e 12 participantes (Suter, 2004), convidaram-se para o FG, primeiro agentes activos de duas escolas de Leiria que têm sido paradigmáticas nesta matéria que extravasa o modo tradicional de ser professor.

A Professora C¹ da escola da escola @, E.B. 2, 3, A professora F da Escola Secundária £, o presidente da Associação de Pais da Escola @², uma psicóloga escolar (Psi) exterior ao mundo desta duas escolas, Uma mediadora escolar (ME) dinamizadora de Gabinetes de Apoio ao Aluno e à Família (GAAFs) integrada institucionalmente no Instituto de Apoio à Criança (IAC), duas Assistentes Sociais (AS1 e AS2) que estão a desempenhar, pela primeira vez, em escolas do concelho de Leiria, o papel de trabalhadoras sociais na escola £. Numa segunda instância, convidou-se, também o representante do Centro Educativo de Leiria (CEL) para que pudesse veicular a voz do ministério da educação relativamente a estes novos papéis profissionais emergentes na educação escolar.

¹ As pessoas e as instituições são aqui designadas com letras

² A Associação de Pais da Escola £ não pôde estar presente

Optou-se por associar o FG a um seminário³ que teve assistência mas em que o debate era essencialmente feito em mesa redonda (do ponto de vista conceptual e mesmo do ponto de vista espacial) pelos convidados que ficaram num nível superior e eram observados e escutados pela assistência.

4- O TEMA

Procurou-se um tema geral que, só por si, fosse indicador do que se pretendia: diferentes olhares sobre uma mesma problemática. Foi assim encontrado o tema “Prós e contras” para indiciar claramente aos participantes a possibilidade de pensarem por cabeça própria, ripostarem, concordarem ou discordarem.

A lista dos temas é da maior importância na investigação através do FG. Consta, normalmente, de uma listagem de temas e questões qualitativas abrangentes que servem para facilitar a condução do trabalho grupal ao moderador, que acaba por ser simultaneamente investigador na medida em que partilha do conhecimento dos objectivos da pesquisa. (Meier e Kudlowiez, 2003).

5- O MODERADOR

Também o papel do moderador neste tipo de entrevista é vital. Pretendia-se que fosse moderador, mediador e interpelador em consonância com a investigação. De acordo com Galego e Gomes (2005: 181) “ cabe ao moderador proporcionar um clima favorável à exposição de ideias por todos os participantes, sem que haja excessiva interferência sua ou monopólio da palavra deste ou daquele membro”. Desta forma, o papel do moderador, como mediador e interpelador em consonância com a investigação contribui para o alongamento das racionalidades dos participantes que se tornam potencialmente menos monolíticas e mais reflexivas.

³ O seminário foi organizado no âmbito do CIID – Centro de Investigação Identidades e Diversidades do Instituto Politécnico de Leiria, onde se enquadra também esta comunicação

Tendo em conta estes considerandos, optámos por convidar para moderador um professor também do Ensino Básico 2,3, mas de uma escola diferente destas duas. Escolheu-se assim o professor M⁴ por ser experiente e se adaptar ao estilo dos participantes (Debus, 1997) e por ter experiência de trabalho com actividades grupais, ser empático e ter aptidões para escutar e entusiasmo para conduzir o grupo às discussões e controle do FG (Dall’Agnol e Trench, 1999).

Alguns autores falam da importância de o moderador fazer uma breve “introdução” depois de feita a apresentação dos participantes (Neto, Moreira e Sucena, 2002). No caso vertente, dada a importância que o tema começa a ter em algumas escolas portuguesas, a organização da entrevista em grupo⁵ optou por convidar também o representante regional do Ministério da Educação. Apesar de se tratar, de alguma forma de um discurso político, ele foi útil para construir um clima de diálogo e debate e uma contextualização geral da importância do trabalho social hoje nas escolas:

[...] O universo da escola não pode viver dissociado da comunidade onde se insere, como é lógico. Os problemas que a escola tem em termos sociais, são os problemas do meio, da comunidade onde se insere e sempre foi assim. É claro que nós podemos... podemos continuar a ter uma escola que feche os olhos às diferenças, aos problemas que o nosso público tem e prosseguirmos, continuarmos a tratar todos do mesmo modo, a dar aulas iguais para todos, cumprir o dever de professores, se entendermos que o dever do professor é dar a aula ensinar e o do aluno aprender e... E continuarmos alegremente deixando que os problemas de cada um sejam resolvidos pelos próprios e pelas suas famílias se tivessem, se tivessem competência para tal.

Mas essa escola com certeza já desapareceu do nosso país e, portanto, nós temos a tal, ou queremos ter a tal escola inclusiva a tal escola para todos. Uma escola que não trate todos da mesma maneira, mas todos na sua individualidade respeitando as características de cada um. E é aqui que me congratulo também por ver que já temos algumas escolas, alguns exemplos de algumas escolas que se movimentam de forma bastante organizada em projectos para resolver esses problemas... e que lançam mão dos saberes de outros técnicos. [...] Porque nós temos uma escola que é espelho da comunidade onde se insere, com todas ... com todas as características dessa comunidade, mas pede-se a escola que altere esse estado de coisas ... não sei até que ponto é que isto tem sido possível, porque se nos pedem que eduquemos os jovens corrigindo alguns aspectos menos bons que a própria comunidade onde eles estão pratica... Esse é o papel ingrato da escola.

[...] eu penso que, penso que temos aqui um pequeno grande *handicap*, é que efectivamente os professores são formados para serem professores e nós precisamos urgentemente de trazer para a escola outros técnicos, técnicos especializados na intervenção social para fazerem aquilo para o qual foram formados, não é?!

[...] Precisamos de trazer para a escola outros, outros técnicos. Existe necessidade deste diálogo entre técnicos educação, professores, psicólogos, técnicos de serviço social e de educação social. (CEL)

⁴ Curiosamente este professor é também investigador associado do CIID.

⁵ CIID

Depois do responsável do CEL ter feito a abertura formal, o moderador, de uma forma sistemática, apresentou algumas questões básicas para começar a entrevista em grupo:

“Qual é afinal o papel e a função do professor no contexto actual da sociedade e da escola? É só ensinar? Há ou não espaço no contexto para outro tipo de intervenções nas escolas? Este domínio de intervenção pode ser ou não claramente dos profissionais de intervenção social? Faz sentido ou não haver trabalho social nas escolas? Intervir para quê? Como? Com quem? Em que medida é que podem ter os parceiros sociais, os técnicos especializados, um papel de parceria privilegiada no contexto da escola, em que áreas se julga pertinente a actuação desses técnicos? Haverá prós, haverá contras?

Realizada a FG, feita a transcrição das vozes de todos os intervenientes e analisada a filmagem é possível constatar que o papel do moderador escolhido foi vital, profícuo e *performante*.

Além deste papel, de mediador, o moderador foi algumas vezes ele próprio participante dando respostas aos temas em debate. Poder-se-á dizer que perdeu a neutralidade e que poderá ter influenciado os demais. Contudo, como isso ocorreu passadas algumas intervenções, e como se tratava de um debate entre iguais, o moderador introduziu também uma posição, vestindo, nessa altura, também o papel de entrevistado:

Todos nós, enquanto cidadãos, percebemos que nesta lógica do processo educativo ao longo de décadas as políticas educativas têm sido pouco sustentadas, com alguma falta de visão estratégica. Temos tido resmas de legislação publicada, muitas vezes decorrente de agendas políticas, que são determinantes na alteração constante e, por vezes, até contraditória... As mudanças educativas, tantas vezes sem avaliação profunda e reflexiva, que, de alguma forma, temos tido ao longo destas últimas décadas, têm deixado o sistema educativo afectado no seu prestígio. [...] Por outro lado, nós, e foi aqui já evidenciado esse aspecto..., a escola, projecta, ou se quiserem, retro-projecta, toda a macro-sociedade e o microclima relacional da sociedade tem o seu impacto dentro da própria escola. E aquilo a que nós temos assistido hoje em dia é um intrigante paradoxo; é que, por um lado, a sociedade pretende responsabilizar a escola e os professores por praticamente todos os dramas sociais que emergem na sociedade e dentro da escola, fragilizando assim o prestígio social quer da escola, quer dos professores, diminuindo até os seus poderes. Mas, por outro lado, atribui cada vez mais funções e responsabilidades e é aqui, que neste campo paradoxal, que nós devemos ter que ir descobrir de que forma é que outros parceiros, que outros técnicos podem ou não intervir no espaço escolar. Todos nós sabemos que há uma abrangente massificação e uma acentuação profunda da diversidade cultural dos alunos nas escolas e durante muitos anos a educação foi cega, se não cega muitas vezes míope, relativamente às diferenças, foi até pouco afectiva na sensibilidade a essas diferenças, mostrando-se indiferente às mesmas. O que me parece importante hoje em dia é reconhecer que à escola assiste um papel, um dever e um direito de ter a centralidade de alguma forma desse papel vital que é ser uma fonte criadora de futuras gerações. E é neste sentido, e é assim que eu

começo a desafiar os meus colegas, que eu julgo que a estrutura organizativa da escola precisa cada vez mais de se adaptar à diversidade quer social, quer cultural, quer instrutiva dos seus alunos. (M)

6- DO OBSERVADOR E RELATOR

Claro que o investigador é muitas vezes o moderador das entrevistas em grupo. Tal não foi o que aconteceu connosco por entendermos que esse moderador/interpelador deveria fazê-lo a partir de uma lógica interna e émica (Vieira, 1999a, 2003, Bogdan e Biklen, 1994). Neste caso, o investigador assumiu um papel de observador/relator, tendo usado um diário de campo para fazer um registo etnográfico do processo de condução do FG, bem como a gravação áudio e vídeo, centrando o olhar quer no colectivo, quer nas intervenções individuais e/ou na linguagem corporal assinalada quer pelos silêncios, quer pela linguagem gestual. Foi assim que foi possível ter acesso não só às vozes literais mas, também, à própria expressão da voz, expressões faciais e gesticulação (Neto, Moreira e Sucena, 2002). Estas anotações permitem ajudar a interpretar o entendimento que cada participante faz da opinião e intervenção dos outros; se há concordância ou discordância relativamente àquele que usa da palavra em determinado momento e, aqui muitas vezes é mesmo caso para dizer que o gesto é tudo, uma vez que a linguagem corporal fala tanto ou mais que a oral. Apesar de muitos investigadores defenderem que o FG deve ser realizado directamente pelo investigador responsável, a verdade é que, outros há também que, defendem “apesar desta discrepância, parece lógico também que, no campo social, haja uma equipa com componentes suficientes para exercer cada uma das funções” (Neto, Moreira e Sucena, 2002). E foi esta a via que usamos, tendo para o efeito, todo o apoio do CIID⁶, que trabalhou como grupo habituado a estas andanças investigativa, ainda que com distribuição de papéis específicos como, de certa forma, aqui estamos a apresentar.

⁶ Centro de investigação de identidades e diversidades, do qual nós próprios fazemos parte.

7- DA ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

Depois de feita a transcrição e visionado o DVD por várias vezes, bem como lidas as notas de campo, fez-se uma análise de conteúdo qualitativa (Vala, 1986; Guerra 2006) de todas as vozes e de todos os intervenientes. As categorias usadas foram geradas a partir da leitura da transcrição das vozes (Galego e Gomes, 2005), sendo que se pôs a tónica essencialmente no sentido das mesmas ao contrário de se cair no erro comum de alguns investigadores de usar literalmente os comentários dos participantes (Debus, 1997).

Fica o esboço de algumas das grelhas que sistematizam o que de comum e de diferente foi assinalado quanto aos problemas sociais existentes nas escolas de hoje e quanto às estratégias para a resolução dos mesmos, se apenas com o trabalho de professores se com a ajuda de outros profissionais do domínio social, designadamente, assistentes sociais, educadores sociais, psicólogos, sociólogos, antropólogos, etc.

Professora C

Relação Escola/Sociedade: O trabalho social nas escolas, os prós e os contras	Representações sobre a Escola e a diversidade cultural	Problemas na escola	Estratégias sociais para a resolução dos problemas na escola
<ul style="list-style-type: none"> • “Mais prós do que contras, estou-me logicamente a referir ao serviço social nas escolas” [...] • “serviço social na escola, se me apresenta como condição necessária suficiente. Sem serviço social eu não posso dar este murro na resolução dos problemas das minhas crianças” 	<ul style="list-style-type: none"> • “na escola nós temos de ir à família dele, temos que conhecer a família com quem lidamos, o seu trajecto, as suas características, e isto digo-vos, qualquer escola faz muito bem, os directores de turma são fantásticos e qualquer escola neste momento é capaz, tem competência para identificar a causa dos problemas da criança e perceber, estou-me a referir às crianças, em concreto, onde a causa reside nas famílias” 	<ul style="list-style-type: none"> • “temos de resolver problemas, temos de ajudar as famílias a planejar novas formas de estar e não sabemos como, nem temos recursos, também não temos recursos para ajudar as pessoas a tomarem as decisões acertadas” 	<p>[...]</p> <ul style="list-style-type: none"> • “Temos de construir novas formas de ser (...)Com essas famílias colectivamente, falando com essas famílias mas temos de ir mais além, temos de identificar os problemas e resolvê-los e, de facto, se a escola não tem nem recursos nem competências....” <p>[...]</p> <ul style="list-style-type: none"> • “Queremos um técnico de serviço social na escola mas como um recurso, tudo para nos ajudar a resolver os problemas e porquê? Porque só ele tem competência para tal, só ele foi preparado para tal e só ele é que tem competência para tal.” <p>[...]</p> <ul style="list-style-type: none"> • “com as assistentes sociais das minhas crianças as minhas crianças, ouro sobre azul, criei a oficina de comportamento e, felizmente, o instituto politécnico pede-me em determinada altura para fazer um protocolo para ter estudantes da licenciatura de serviço”

A professora C vê os técnicos de serviço social nas escolas como um recurso fundamental para encontrar soluções para os problemas sociais nas escolas.

PSI

Relação Escola/Sociedade: O trabalho social nas escolas, os prós e os contras	Representações sobre a Escola e a diversidade cultural	Problemas na escola	Estratégias sociais para a resolução dos problemas na escola
	<ul style="list-style-type: none">• “a escola sabe a questão problemática do aluno, da família e que a escola vai ao encontro de fazer, eu penso mais que aquilo que eu tenho assistido a escola vai ao encontro do pensar, ao fazer vai uma grande distância precisamente pela pouca relação entre os vários técnicos, entre a equipa” [...]• “mas a escola não serve o público, a escola cria o público. É importante perceber que a escola faz a intervenção cultural, social, familiar em todos esses aspectos...”	<ul style="list-style-type: none">• “quando o presidente da associação de pais falava na questão dos pais estarem longe, é a nós, a escola pode obviamente ir a casa, mas temos de criar condições para que os pais possam vir à escola” [...]• “pouca relação entre os vários técnicos, entre a equipa”	<ul style="list-style-type: none">• “sessões informativas, acções de formação”

A Psicóloga não adianta muitas soluções e a dada altura fica na dúvida sobre o que é que os assistentes sociais podem fazer nas escolas que não esteja já a ser feito por psicólogos.

Etnografia

(Actas do III Congresso Internacional)

Cabeceiras de Basto, 13 e 14 de Julho de 2007

ME

Relação Escola/Sociedade: O trabalho social nas escolas, os prós e os contras	Representações sobre a Escola e a diversidade cultural	Problemas na escola	Estratégias sociais para a resolução dos problemas na escola
	<ul style="list-style-type: none">• “a escola tem de ser um espaço de construção de pessoas mas um espaço tão variado em termos profissionais quanto possível” [...]• “Enfatizar o trabalho escolar social numa escola é, acima de tudo, pensar no professor, num psicólogo, numa assistente social... é necessário perceber os passos dentro de cada ramo e perceber até que ponto pode ir, porque obviamente são passos diferentes, e obviamente que a colaboração é vital”	<ul style="list-style-type: none">• “problemáticas da escola, miúdos que eram, que se sentiam vitimados na escola, quer pelos professores quer pelos funcionários, quer pelos próprios colegas, professores que sentiam a sua posição claramente ameaçada no contexto da escola e que eram maltratados pelos alunos, pelos professores e por aí fora”	<ul style="list-style-type: none">• “o instituto de apoio a criança [...] tem sido algo pioneiro nas respostas que procura encontrar e procurando não se sobrepor aquilo que já existe como projecto nas escolas”

A Mediadora Escolar realça o Papel do IAC – Instituto de Apoio à Criança – na constiuição de GAAF’s – Gabinetes de apoio ao aluno e à família, vitais para fazer a mediação sócio-cultural dos alunos.

EE

Relação Escola/Sociedade: O trabalho social nas escolas, os prós e os contras	Representações sobre a Escola e a diversidade cultural	Problemas na escola	Estratégias sociais para a resolução dos problemas na escola
<ul style="list-style-type: none"> • “vivemos numa sociedade muito difícil, os pais tiveram uma vivência escolar diferente daquela que é vivida hoje, e há muitos pais que não estão preparados para o que é a escola hoje “ [...] • “o avanço que a escola tem na nossa sociedade, os pais não estão preparados e fazem de ouvidos mudos, que não querem saber ou não sabem” 		<ul style="list-style-type: none"> • “todo o problema vem da família” [...] • “a formação de turmas e aí é que reside algum problema, os profissionais, deveriam estar atentos nesses problemas, que é esse o problema que se nota muito nas escolas... Era a formação de turmas sem juntar muitos alunos problemáticos na mesma turma.” [...] • “dificuldades em saber o que se passa com os seus filhos na escola, também por culpa deles, de alguns pais que não se preocupam de saber o que se passa na escola ir lá periodicamente nas reuniões” 	

O Encarregado de educação não apresenta estratégias para a resolução dos problemas sociais. Mesmo assim, sempre adianta que a constituição das turmas deve acautelar a não concentração de alunos problemáticos numa mesma turma.

As S 1

Relação Escola/Sociedade: O trabalho social nas escolas, os prós e os contras	Representações sobre a Escola e a diversidade cultural	Problemas na escola	Estratégias sociais para a resolução dos problemas na escola
	<ul style="list-style-type: none">• “Não é só o técnico de Serviço Social que é importante na escola nem o psicólogo. Todos juntos em equipa multidisciplinar conseguimos organizar-nos e conseguimos, em consenso mútuo, se calhar, determinar um caminho a percorrer. Só assim é que iremos conseguir.” [...]• “é muito na base da informalidade, uma intervenção muito personalizada, é assim, cada aluno é um aluno é uma pessoa, e é um caso,” [...] “somos um elo de referência dentro da escola e quanto à família, quando ela não vem à escola, vamos nós até à família.”		<ul style="list-style-type: none">• “criou-se a oportunidade de elaborar um projecto de um gabinete onde fosse possível recrutar para a escola técnicas de Serviço Social”

Esta Assistente Social acredita no seu próprio papel enquanto assistente social numa escola que aderiu a um projecto do IAC e que construiu um GAAF. Defende o papel colaborativo entre Professores, Psicólogos e Assistentes Sociais na escola.

Etnografia

(Actas do III Congresso Internacional)

Cabeceiras de Basto, 13 e 14 de Julho de 2007

As S 2

Relação Escola/Sociedade: O trabalho social nas escolas, os prós e os contras	Representações sobre a Escola e a diversidade cultural	Problemas na escola	Estratégias sociais para a resolução dos problemas na escola
	<ul style="list-style-type: none">• “pedir opinião, o que é que eles acham se fizéssemos determinada actividade com este aluno, para tentar esbater um bocadinho todas as barreiras que vão existindo e que surgem sempre.”		<ul style="list-style-type: none">• “tentar articular com os directores de turma, com o conselho executivo, e proporcionar o desenvolvimento sempre dos alunos”

Esta Assistente Social reitera o que a colega anterior diz, realçando o trabalho em equipa.

8- CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Com esta primeira experiência de FG para desenvolvimento de uma pesquisa que inicialmente tinha apenas previsto o uso de observação participante, observação directa participante e entrevistas etnográficas, percebemos efectivamente que é possível aprofundar mais a compreensão das representações e práticas de quem está ligado à mediação escolar e ao trabalho social nas escolas. É um primeiro passo de uma metodologia a desenvolver também em outros objectos de estudo. Parece-nos que o sucesso do FG está não só relacionado com a definição do objecto de estudo mas, também, claramente, com a capacidade de mediação do moderador e com a escolha dos participantes que devem conseguir partilhar sentimentos, ideias, dúvidas e convicções.

Relativamente à comparação entre a entrevista em grupo de que aqui damos conta e das entrevistas etnográficas realizadas a quase todos estes participantes no FG, é conveniente deixar, em género de síntese, algumas das diferenças.

No Focus group (FG) a interacção está sempre presente em todo o grupo o que suscita a criação de novas ideias; na entrevista etnográfica individual (EEI) a interacção acontece apenas entre o entrevistado e o entrevistador. Neste caso, não há chamada pressão de grupo, o que acontece no FG, onde há um desafio constante no pensamento de todos os participantes. Na EEI, o entrevistado acaba por ter “todo o tempo do mundo” para apresentar as suas ideias ao entrevistador; pelo contrário, no FG, cada participante tem muito menos tempo para expor as suas opiniões e acaba por se gerar alguma competição na gestão do tempo. Penando inversamente, no FG as respostas podem ser influenciadas pela opinião dos outros participantes, enquanto na EEI não há influencia de outras pessoas se houver cuidado no modo como o entrevistador coloca as suas questões por forma a não induzir as respostas. Relativamente a assuntos do foro mais íntimo ou de matéria mais controversa, na EEI o entrevistado não está tão constrangido como poderá estar na presença dos elementos de um FG, isto desde que o entrevistado se sinta à vontade com o entrevistador, o que acaba por acontecer passado algum tempo em qualquer trabalho etnográfico. Relativamente à calendarização de uma

investigação, acaba por ser mais fácil o agendamento de entrevistas individuais do que a organização de um FG que obriga a um conciliar de agendas múltiplas.

Finalmente, relativamente à natureza das informações, com os FG elas conseguem-se com muito maior amplitude, diversidade e complexidade, num relativo curto espaço de tempo, permitindo a comparação de representações e práticas de diferentes actores sociais do que propriamente nas EEI.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOGDAN, R e Biklen (1994). *Investigação qualitativa em educação: Uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.
- BURGESS, R. G. (1997). *A pesquisa de terreno: uma introdução*. Oeiras: Celta Editora.
- CARIA, H. T. (org). (2003). *Experiência etnográfica em Ciências Sociais*. Porto: Ed. Afrontamento.
- CASAL Adolfo, Y. (1996). *Para uma epistemologia do discurso e da prática antropológica*. Lisboa: Edições Cosmos.
- DALL'AGNOL, C. M. e TRENCH, M. H. (1999). "Grupos Focais como estratégia metodológica em pesquisa na enfermagem". Porto Alegre: Rev. Gaúcha Enf, vol. 20, n.º 1, p. 5-25.
- DEBUS M. (1997). *Manual para excelência en la investigation mediante grupos focales*. Washington: Academy for Educational Development.
- FAST, J. (1984). *A Linguagem do corpo*. Lisboa: Edições 70.
- GALEGO, C.; GOMES, A., (2005). "Emancipação, Ruptura e Inovação: o *focus group* como instrumento de investigação" in Revista Lusófona de Educação. 5. 173 – 184.
- GIOVINAZZO, R. A. (2001). "Focus Group em pesquisa qualitativa – fundamentos e reflexões". disponível em [http://www.fecap.br/adm_online/art24/renata2.htm].
- GUERRA, I. (2006). *Pesquisa Qualitativa e Análise de Conteúdo*. Lisboa: Princípia.
- HALL, Edward T (1994). [1959]. *A linguagem silenciosa*, Lisboa, Relógio d' água.
- JOSSO, Marie-Christine (2002). *Experiências de Vida e Formação*. Lisboa: Educa.
- MEYER, M. J. e KUDLOWIEZ, S. (2003). "Grupo Focal: uma experiência singular". Florianópolis: Texto e Contexto Enf., vol. 12, n.º 3, p. 394-399.
- MORGAN, D.L. (1997). *Focus group as qualitative research*. London: Sage University paper.
- NETO, O. C; Moreira, M. R.; SUCENA, L. F., (2002). "Grupos focais e pesquisa social qualitativa: o debate orientado como técnica de investigação". Trabalho apresentado 13º Encontro da associação brasileira de estudos populacionais, realizado em Ouro Preto, Minas Gerais. Brasil de 4 a 8 de Novembro de 2002, Disponível em [http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf2002/Com_JUV_po27_Neto_texto.pdf].
- PICHON-RIVIÈRE, E. (1998). *O processo grupal*. S.Paulo: Martins Fontes.
- SAUMURE, K. (2001). *Focus Group – An Overview*. Disponível em [http://www.slis.ualberta.ca/cap02/Kristie/focus_group_paper.htm].
- SOUZA, Elizeu, (2004). "Histórias de vida, narrativas, conhecimento de si, representações da docência" in ABRAHÃO, Barreto, M Helena (org.) *A Aventura (auto)biográfica*. Porto Alegre: EDIPUCRS.

- SUTER, E.A. (2004). Focus Group in Ethnography of Communication: expanding topics of inquiry beyond participant observation. Disponível em [<http://www.nova.edu/QR/QR5-1/suter.html>].
- VALA, J. (1986). “A Análise de conteúdo”, in SILVA, A. E PINTO, J.M. (Org.). *Metodologia das Ciências Sociais*. Porto: Ed. Afrontamento.
- VIEIRA, R. (1999a). *Histórias de Vida e Identidades, Professores e Interculturalidade*. Porto: Biblioteca das Ciências do Homem, Edições Afrontamento.
- VIEIRA, R. (1999b). *Ser Igual, Ser Diferente: Encruzilhadas da Identidade*. Porto: Profedições.
- VIEIRA, R. (2003). Vidas revividas: etnografia, biografias e a descoberta de novos sentidos in TELMO H. C. *Experiências etnográficas em Ciências Sociais*. Porto: Afrontamento.
- VIEIRA, R. (2006). *Identidades Pessoais – Interações, campos de possibilidades e metamorfoses culturais*. (lição de síntese policopiada). Lisboa: ISCTE.
- VIEIRA, R. (2006). *Identidades Pessoais – Interações, campos de possibilidades e metamorfoses culturais*. (lição de síntese policopiada). Lisboa: ISCTE.